

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E DESEMPENHO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Cecília Segabinazi Peserico

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Claudio Kravchychyn

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Resumo

O estudo teve por objetivo analisar a relação entre prática esportiva competitiva e desempenho escolar em uma escola de Maringá-PR. Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados a 59 estudantes-atletas e 12 professores e por consulta a documentos escolares. Verificou-se similaridade entre o desempenho escolar de atletas e demais alunos, interação insuficiente de professores sobre as atividades esportivas da escola, independência entre tempo de treinamento e estudo e opiniões distintas entre os grupos sobre fatores intervenientes. Concluiu-se que, mesmo não evidenciada a interferência da prática esportiva no desempenho escolar no campo investigado, os estudantes-atletas precisam ser orientados adequadamente em suas rotinas e apoiados em suas dificuldades.

Palavras-chave: Esporte. Escola. Atletas. Professores.

Introdução

No Brasil, o primeiro contato com a prática sistemática de esportes institucionalizados acontece, em geral, nas aulas de Educação Física escolar (MOREIRA; CARBINATTO, 2006; BARROSO; DARIDO, 2006) — vivência passível de desencadear nos alunos o interesse pela prática em treinamentos esportivos (BERLEZE; VIEIRA; KREBS, 2002).

As escolinhas e treinamentos são atividades extracurriculares, praticadas visando desde a simples adesão a valores educacionais do esporte até a formação de equipes competitivas. Apesar de uma parcela do pensamento crítico da Educação Física brasileira das décadas de 1980 e 1990 ter relacionado o esporte escolar a mecanismos de opressão política e sujeição do corpo, o discurso midiático da formação humana por meio do esporte permanece forte na sociedade contemporânea (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003).

Embora a estrutura piramidal do esporte brasileiro seja alicerçada em clubes e esteja distante de estruturas como, por exemplo, as dos Estados Unidos e Cuba — que divergem essencialmente em suas concepções, mas convergem em seus modelos de sucesso olímpico, ambos ligados ao campo da educação (ALVES; PIERANTI, 2007) —, a intenção de fortalecer o esporte escolar compõe o discurso oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que organiza anualmente, desde 2005, as Olimpíadas Escolares, visando promover a inclusão social a partir do esporte, detectar novos talentos e criar um ambiente favorável à continuidade da prática esportiva no País. Para participar, é necessário que uma equipe, representando sua escola, passe por seletivas municipais e estaduais até chegar à etapa nacional (COB, 2013).

No centro dessa estrutura estão os estudantes-atletas⁴⁸, que, proporcionalmente ao avanço na educação básica, vivenciam o aumento em quantidade, dificuldade e complexidade dos conteúdos escolares, demandando maior tempo de dedicação aos estudos. O universo esportivo competitivo é similar quanto à necessidade de dedicação, com a intensificação de treinamentos e jogos acompanhando o progresso esportivo.

Diante dessa problemática, a pesquisa foi estruturada sobre dois pilares: o esporte escolar competitivo e o desempenho escolar.

O esporte escolar, nosso primeiro pilar, é um fenômeno psicossocial e institucional determinado pela conjuntura na qual se insere, tendo a família e a escola como elementos decisivos para a consecução de objetivos estabelecidos (SIMÕES; BOHME; LUCATO, 1999). Assim, mesmo com treinamento sistemático e busca pelo desempenho em competições, o esporte escolar deve ser abordado diferentemente do esporte de alto rendimento, colocando-se em primeiro plano os aspectos educacionais e a preparação para a vida em sociedade (LETTNIN, 2005; SANTOS; SIMÕES, 2007; TORRI; ALBINO; VAZ, 2007). Em contraponto, por conta da adoção de práticas por vezes incompatíveis com equipes escolares, como busca exacerbada por resultados e inobservância dos períodos de maturação biológica dos atletas, há concepções divergentes sobre o esporte competitivo nas escolas, do apoio irrestrito ao veemente repúdio (VIACELLI, 2002). Portanto, conciliar a disputa pela vitória e a formação dos estudantes-atletas é um desafio apresentado aos técnicos esportivos de equipes escolares (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003).

Tal situação fomenta as discussões sobre o nosso segundo pilar, o ‘desempenho escolar’, geralmente medido pelo resultado de avaliações de aprendizagem (LUCKESI, 2002; HOFFMANN, 2004).

Conceitualmente relacionada à quantidade e qualidade dos estudos, a quantificação da aprendizagem por meio de conceitos ou notas determina o sucesso ou o insucesso do aluno (LUCKESI, 2002). Pressupomos que a pressão pelo sucesso escolar pode ser maior no caso dos estudantes-atletas que, segundo Torri, Albino e Vaz (2007), acumulam obrigações escolares e rotina de treinos e jogos, exigindo sacrifícios e privações que por vezes invadem finais de semana.

A motivação pelos estudos depende não somente dos estudantes e de sua busca por novidades e desafios (motivação intrínseca), mas também dos contextos familiar, social e cultural, que exigem a demonstração de competências e habilidades, satisfazem a comandos e pressões e geram recompensas

⁴⁸ Permitimo-nos assim denominá-los, a exemplo de Dias, Cruz e Danish (2001) e Bassani, Torri e Vaz (2003).

(motivação extrínseca), além do funcionamento da escola e do trabalho dos professores (MARCHESI; GIL, 2004; RIBEIRO; ALMEIDA; GOMES, 2006; MARTINELLI; BARTHOLOMEU, 2007).

Atualmente, o desempenho escolar é visto como fenômeno complexo e multideterminado. Fatores intervenientes nesse fenômeno são amplamente debatidos, ao contrário do ocorrido, por exemplo, na década de 1970, quando numa visão simplista, a não aprendizagem do aluno era atribuída unicamente à sua falta de dedicação (LOPES; OLIVEIRA, 2007).

O presente estudo encontra justificativa em nossa experiência no esporte escolar⁴⁹, durante a qual vivenciamos intensamente a relação entre desempenho escolar e esporte. Recorrentemente, como prevenção ou castigo, presenciamos a interrupção da participação de alunos com baixo desempenho escolar em treinamentos esportivos, por iniciativa de seus pais ou responsáveis, com a anuência e/ou recomendação de professores. Em contraponto, casos de estudantes-atletas com bom desempenho escolar e a possível contribuição da prática esportiva a tal sucesso não despertavam atenção.

Diante do exposto, o estudo teve por objetivo analisar a relação entre prática esportiva competitiva e desempenho escolar em uma escola de Maringá-PR.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e documental, que se utiliza de dados quantitativos e qualitativos como subsídios investigativos. O campo de investigação foi uma escola privada da cidade de Maringá-PR, que oferece o esporte competitivo como atividade extracurricular.

Participaram da pesquisa dois grupos distintos, que se inter-relacionam. O primeiro, formado por 59 estudantes-atletas matriculados no 8º e 9º anos (Ensino Fundamental) e 1º, 2º e 3º anos (Ensino Médio), integrantes das equipes esportivas da escola. O segundo, composto por 12 professores atuantes nas turmas dos estudantes-atletas. Para os dois grupos, a condição para a participação na pesquisa foi o vínculo à escola por pelo menos um ano letivo completo.

Como instrumentos de coleta de dados foram aplicados questionários aos dois grupos, com questões fechadas e mistas (objetivas, com justificativa), construídos pelos pesquisadores e validados por três professores doutores do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (DEF/UEM), ministrantes de disciplinas esportivas no curso de Educação Física (licenciatura e bacharelado) e com experiência no esporte escolar.

O questionário aplicado aos estudantes-atletas objetivou levantar informações sobre a vida esportiva e escolar dos mesmos e suas inter-relações. Já o questionário aplicado aos docentes procurou verificar, principalmente, o posicionamento dos mesmos sobre o esporte escolar e a participação de seus alunos, considerando o contexto da escola. Aos dois foi apresentado um questionamento comum, para verificação, a partir das experiências pessoais e de possíveis influências positivas e/ou negativas da rotina esportiva no desempenho escolar.

⁴⁹ Os três autores do estudo têm experiência no esporte escolar competitivo como estudantes-atletas e, posteriormente, como técnicos esportivos.

No caso dos estudantes-atletas, o questionário foi aplicado no período de três semanas, antes dos treinos de cada modalidade. No caso dos professores, a coleta aconteceu em apenas um dia, durante uma reunião pedagógica.

Complementando a coleta de dados, foram consultados *in loco* os seguintes documentos: projeto político-pedagógico, regulamento interno de escolinhas e treinamentos esportivos, grades horárias dos treinamentos, histórico escolar dos alunos-atletas e relatório por ano e turma do aproveitamento escolar (ano anterior).

O conteúdo objetivo das respostas e a análise documental de históricos escolares e relatórios alimentaram os dados quantitativos da pesquisa, que foram submetidos a um tratamento estatístico descritivo. As justificativas às respostas objetivas foram tratadas sob as indicações de Bardin (1995), e as informações contidas no projeto político-pedagógico da escola e nos regulamentos esportivos internos subsidiaram as análises qualitativas.

Os resultados quantitativos estão apresentados em sete gráficos e a síntese analítica das justificativas, em dois quadros. Frases significativas serviram como complemento à síntese das opiniões de ambos os grupos. Para a apresentação das frases, a fim de preservar a identidade dos sujeitos, utilizamos a codificação “E” (de 1 a 59) para os estudantes-atletas e “P” (de 1 a 12) para os professores.

A pesquisa foi autorizada pela direção da escola. Os professores assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido para a participação na pesquisa, assim como o assinaram, pelos estudantes-atletas, os respectivos pais e/ou responsáveis, autorizando também a consulta a seus históricos escolares. Os dados de aprovação/reprovação dos demais estudantes da escola foram acessados e tabulados com a preservação da identidade dos mesmos.

O projeto foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP/UEM).

Resultados

Estudantes-atletas e modalidades praticadas

Dos 59 estudantes-atletas participantes, 28 (47,45%) são do sexo feminino e 31 (52,55%) do sexo masculino. Encontram-se na faixa etária dos 13 aos 17 anos: seis (10,17%) com 13 anos, 15 (25,42%) com 14 anos, 21 (35,60%) com 15 anos, 11 (18,64%) com 16 anos e seis (10,17%) com 17 anos de idade.

As modalidades praticadas pelos estudantes-atletas compõem a Figura 1.

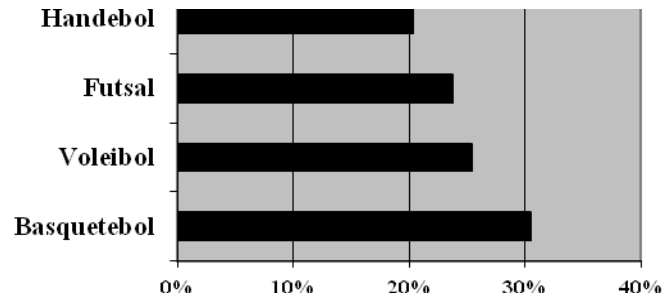


Figura 1 — Modalidades praticadas pelos estudantes-atletas

Todos os estudantes-atletas treinam apenas uma modalidade coletiva. O regulamento interno prevê, até o 6º ano do Ensino Fundamental (por volta dos 12 anos de idade), a participação em escolinhas esportivas, nas quais o trânsito é livre e estimulado entre as modalidades, para vivências múltiplas e ampliação do repertório motor. A partir do 7º ano (por volta dos 13 anos de idade), os estudantes podem optar por uma modalidade.

Constatamos que 18 estudantes-atletas (30,51%) optaram pelo basquetebol, 15 (25,42%) pelo voleibol, 14 (23,73%) pelo futsal e 12 (20,34%) pelo handebol. São as únicas modalidades ofertadas na escola para treinamento.

Um quadro paradigmático, visto que professores de Educação Física do Ensino Fundamental tradicionalmente privilegiam o ensino dessas modalidades (ROSÁRIO; DARIDO, 2005; MOREIRA; CARBINATTO, 2006). É provável que desse contato inicial surja o interesse dos alunos e o direcionamento dos professores. A tendência se concretiza nas competições, como nas Olimpíadas Escolares; tais modalidades são as únicas coletivas disputadas (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2013).

Dedicação a treinos e estudos

Prospectando a necessidade de organização de horários de treinos e estudos, verificamos as horas semanais despendidas pelos estudantes-atletas às duas tarefas.

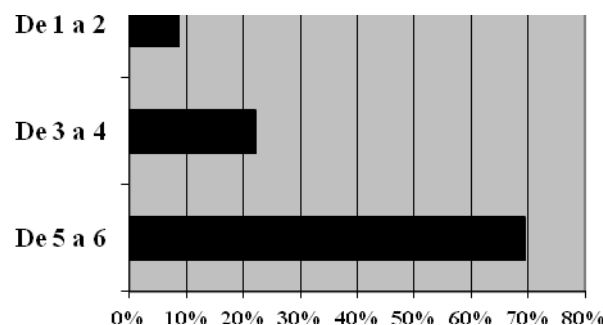


Figura 2 — Horas de treino por semana

Observamos as horas semanais dedicadas pelos estudantes-atletas aos treinos: 41 (69,49%) treinam de cinco a seis horas semanais; 13 (22,3%), de três a quatro horas; e cinco (8,48%), de uma a duas horas.

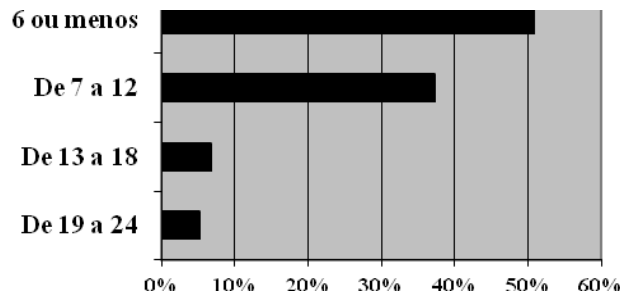


Figura 3 — Horas de estudo extraclasse por semana

Verificamos as horas semanais dedicadas ao estudo extraclasse: 30 estudantes-atletas (50,85%) estudam seis horas ou menos; 22 (37,29%), de sete a 12 horas; quatro (6,78%), de 15 a 18 horas; e três (5,8%), de 19 a 24 horas.

A quantidade e qualidade dos estudos extraclasse são fatores decisivos no sucesso escolar, exigindo o desenvolvimento dos sentidos de organização e autodisciplina e de capacidades individuais de raciocínio e concentração por parte dos jovens (FORMIGA, 2004), enquanto seus treinadores devem planejar atividades considerando o equilíbrio entre os esforços físicos e intelectuais e as especificidades morfológicas e cronológicas dos adolescentes, proporcionando esforços adequados a cada faixa etária (BÖHME, 2000; BOMPA, 2002).

O regime de treinamentos no ambiente pesquisado não parece rigoroso em relação ao volume (horas semanais). Consultamos as grades horárias das equipes, que confirmam as respostas dos alunos: a carga horária não excede três dias por semana e duas horas por dia. O estudo não previu a verificação da intensidade dos treinos.

Estudantes-atletas e não-atletas: confrontando o desempenho escolar

No total, nos mesmos anos dos estudantes-atletas (7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, e 1º e 2º anos do Ensino Médio), 631 estudantes finalizaram o ano letivo anterior. Dados dos históricos escolares dos 59 estudantes-atletas e dos relatórios de aproveitamento dos demais 572 alunos nos forneceram os percentuais de aprovação e reprovação dos dois grupos.

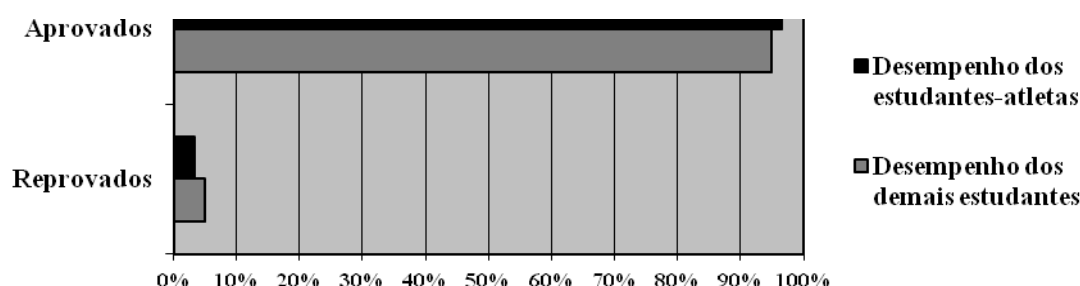


Figura 4 — Desempenho dos estudantes-atletas e demais estudantes no ano letivo anterior

Verificamos que 57 estudantes-atletas (96,61%) foram aprovados e dois (3,39%) reprovaram. Entre os demais estudantes, 543 (94,93%) foram aprovados e 29 (5,07%) reprovaram.

Embora o in-sucesso escolar seja atribuído habitualmente ao aluno, há uma gama de fatores sociais, afetivos e cognitivos ligados à aprendizagem, que podem ser determinantes para o resultado (GATTI, 1996; DAMIANI, 2006; BAYLEY *et al.*, 2009), e a “vida de atleta”, dependendo de sua condução, pode trazer à tona aspectos positivos e/ou negativos desses fatores (SOARES; ARANHA; ANTUNES, 2013).

Porém, considerando o campo da pesquisa, embora a diferença entre o sucesso escolar dos dois grupos (1,68%) seja pequena e insuficiente para atribuição de influência da prática esportiva competitiva, a mesma é favorável ao grupo de estudantes-atletas, com menor índice de reprovação. Esses dados corroboram com o estudo de Soares, Aranha e Antunes (2013), que fizeram comparação similar junto a estudantes portugueses no ciclo secundário, concluindo que a variável da prática esportiva não parece ter relação com as taxas de reprovação.

Professores e a experiência docente no campo pesquisado

Dos 12 professores, nove (75%) são do sexo masculino e três (25%) do sexo feminino. Um deles (8,33%) tem idade inferior a 25 anos, dois (16,67%) têm entre 26 e 35 anos, sete (58,33%) têm entre 36 e 45 anos e dois (16,67%) têm mais de 45 anos.

As disciplinas de Física, Matemática, Química e Português contam com dois professores em cada uma. Biologia, Educação Física⁵⁰, Geografia e História apresentam um docente em cada disciplina. Os professores de Artes e Inglês não preencheram o pré-requisito para a participação na pesquisa (um ano letivo completo na escola).

Investigamos o tempo de magistério de cada professor no ambiente pesquisado.

⁵⁰ O professor não ocupa a função de técnico esportivo na escola.

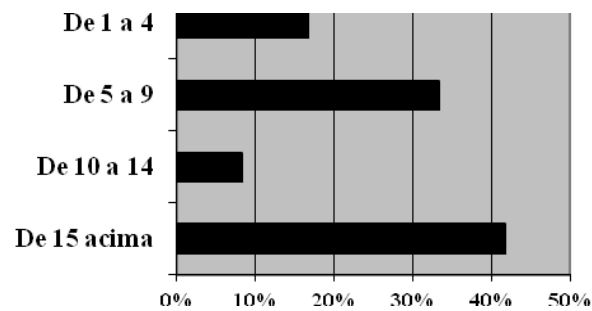


Figura 5 — Tempo de magistério dos professores na escola

Cinco professores (41,67%) trabalham na escola há mais de 15 anos; um (8,33%) trabalha no período entre 10 e 14 anos; quatro (33,33%), entre cinco e nove anos; e dois (16,67%), entre um e quatro anos.

Conhecimento dos professores sobre os seus alunos-atletas e suas atividades esportivas

Questionamos se os professores distinguem quais de seus alunos fazem parte das equipes esportivas da escola e se possuem conhecimentos e informações sobre competições das quais participam.

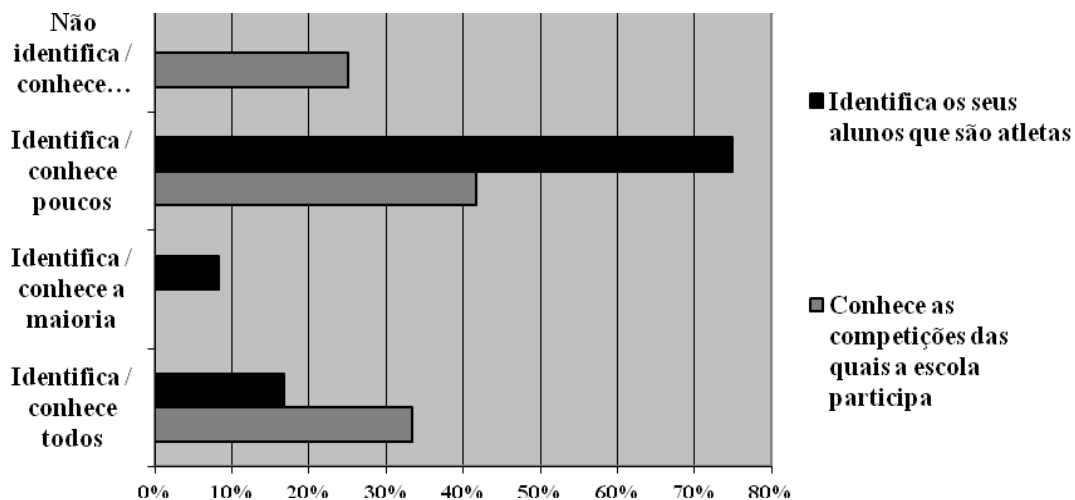


Figura 6 — Identificação dos estudantes-atletas e conhecimento sobre as competições escolares

Dois professores (16,67%) identificam todos os seus alunos-atletas, um (8,33%) identifica a maioria e nove (75%) identificam poucos. Já em relação às competições, quatro professores (33,33%) conhecem todas, cinco (41,67%) conhecem poucas e três (25%) não conhecem nenhuma.

Os dados apresentados até aqui mostram que a escola valoriza e incentiva as atividades esportivas. O esporte é contemplado no projeto político-pedagógico como atividade extracurricular, inclusive sob a forma competitiva, em sintonia com o que preconiza Tubino (2010) ao afirmar que, embora todos devam ter direito e acesso ao esporte — conceito primaz do esporte contemporâneo —, aqueles que possuem vocação e maiores possibilidades técnicas e físicas devem ter seu espaço de prática regular garantido nas escolas.

No entanto, os professores demonstram conhecimento limitado sobre as atividades esportivas da escola e seus atores. O fato de 50% dos professores lecionarem na escola há mais de uma década materializa o apontamento de Veiga (2003), de que nas instituições educativas há, tradicionalmente, uma divisão entre concepção e execução, própria da organização do trabalho fragmentado, ou seja, os professores não conhecem adequadamente os demais setores da ampla engrenagem escolar e não se interessam ou não são estimulados a se interessarem pelo projeto político-pedagógico, que deveria ser entendido como meio de integração dos vários setores.

Influência da participação em treinamentos e competições esportivas no desempenho escolar, na visão de estudantes-atletas e professores

Uma questão crucial para a consecução do objetivo do estudo foi apresentada a ambos os grupos, tratando da influência que a rotina esportiva exerce no desempenho escolar.

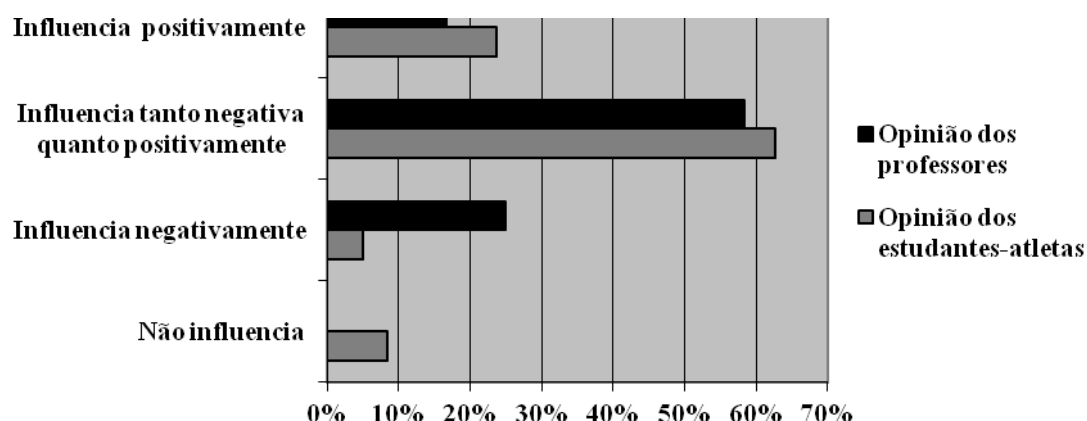


Figura 7 — Opinião de estudantes-atletas e professores sobre a influência da participação em treinamentos e competições esportivas no desempenho escolar

Entre os estudantes-atletas, 14 (23,73%) consideram que a atividade interfere positivamente no seu desempenho escolar; 37 (62,51%), que interfere tanto negativa quanto positivamente; três (5,08%), que interfere negativamente; e cinco (8,48%), que não há interferência. Já entre os professores, dois (16,67%) consideram que a atividade interfere positivamente no desempenho escolar de seus alunos; sete (58,33%), que interfere tanto negativa quanto positivamente; e três (25%), que interfere negativamente. Nenhum entendeu a relação como neutra.

Os quadros, a seguir, apresentam sínteses das justificativas de professores e estudantes para os aspectos positivos (Quadro 1) e negativos (Quadro 2) apontados, extraídas tanto das justificativas dos que indicam exclusivamente interferências positivas ou negativas quanto dos que apontam ambas. Selecionamos frases significativas de ambos os grupos, como complemento às sínteses apresentadas.

N.º de Professores	N.º de Estudantes-atletas	Justificativas Positivas (o que a prática promove)
4	17	disciplina, esforço, dedicação, responsabilidade
2	16	cooperação, coletividade, solidariedade, espírito de equipe
2	1	respeito a limites e regras
2	-	exercício da concentração
1	-	capacidade de resolução de problemas
1	-	capacidade de superação de frustrações
-	10	amizades e pertencimento a um grupo
-	10	disposição para as tarefas diárias
-	4	condicionamento físico
-	2	descontração, combate ao estresse
-	2	estética corporal

Quadro 1 — Justificativas para o apontamento de aspectos positivos

Justificativas relevantes, por parte dos professores:

[...] o esporte pode agir sobre a concentração, o rendimento nos estudos e melhorar as relações professor–aluno e aluno–aluno (P3); [...] a disciplina é o forte do pessoal do esporte, que não me traz problemas (P4); [...] no esporte só vence quem tem disciplina, organização e força de vontade. O aluno deve ser capaz de transferir isso para os estudos (P6); [...] o esporte leva os alunos a resolver situações-problema rapidamente, a ter capacidade de concentração, de convívio em grupo e de organização (P10).

Justificativas relevantes, por parte dos estudantes-atletas:

[...] ajuda em tudo, disciplina, respeito, autoestima (E6); [...] fiz mais amigos no colégio e sinto mais segurança em grupo, o esporte funciona como terapia (E19); [...] aumenta minha autoestima, confiança e me ajuda descontraír, melhora meu rendimento em tudo (E41); [...] tenho mais segurança para falar em público e não tenho tanta tensão nas provas (E44); [...] sou reserva, mas estou gostando, porque emagreci e fiz amigos (E46); [...] aumenta a concentração, e o condicionamento físico e mental (E55).

N.º de Professores	N.º de Estudantes-atletas	Justificativas Negativas (dificuldades geradas pela prática)
1	7	perda de aulas por causa de campeonatos
6	-	prioridade ao esporte em detrimento dos estudos
5	-	falta de organização nos horários de estudo e treinamento
-	14	pouco tempo para os estudos
-	10	cansaço físico
-	4	dores, desconfortos físicos

Quadro 2 – Justificativas para o apontamento de aspectos negativos

Justificativas relevantes, por parte dos professores:

[...] alguns alunos se organizam, mas a maioria que passou por mim não conseguiu conciliar esporte e estudos e teve dificuldades (P1); [...] há alunos que justificam a falta a aulas e depois não procuram por formas de repor os conteúdos (P2); [...] mal orientado, o aluno pode vincular seus objetivos de vida só ao esporte (P7); [...] o aluno que pratica esporte adquire gosto e prefere acreditar que vencerá pelo esporte, deixando os estudos em segundo plano (P11); [...] o esporte prejudica quando o foco do aluno se volta apenas para ele, sem considerar a necessidade de adquirir outros saberes (P12).

Justificativas relevantes, por parte dos estudantes-atletas:

[...] falta tempo para os estudos, às vezes fico muito cansado para estudar depois do treino (E16); [...] treinar limita o horário de estudo (E20); [...] em época de campeonato também tem jogo de manhã, provocando faltas nas aulas, atrapalhando meu desempenho escolar, pois o colégio nem sempre repõe (E27); [...] atrapalha um pouco os estudos, o treino é no meio da tarde. Sinto que falta mais tempo para estudar, no ano que vem vou para o 3º ano e acho que vou parar (E34); [...] uma semana sem ir para a aula é muita matéria perdida (E42); [...] quando temos jogos escolares, mesmo quando dá para assistir aula tenho muito cansaço e dor muscular, nem vale à pena (E51).

O Quadro 2 evidencia a divergência quase total nos pontos de vista dos dois grupos, ao contrário do Quadro 1, que traz concordância em quatro itens. Observa-se que somente professores apontam a prioridade ao esporte e a falta de organização por parte dos estudantes. Já os estudantes-atletas reclamam de cansaço físico e principalmente da falta de tempo para estudar, discordando essencialmente da “desorganização” apontada por parte dos professores. Como apontamento coincidente (um professor e sete estudantes-atletas), consta apenas a perda de aulas durante as competições.

Os aspectos formativos, sociais, psicológicos, terapêuticos e relativos à saúde, presentes nos apontamentos positivos de ambos os grupos, encontram apoio na literatura. O esporte é multidimensional e faz parte da cultura mundial, tendo sua importância no processo de formação humana amplamente ressaltada por proporcionar benefícios físicos, psicológicos e sociais (SERPA, 2003; COSTA; NASCIMENTO, 2004; MILISTETD *et al.*, 2008). Na escola, tal importância se evidencia pela associação de situações transferíveis do esporte para a vida cotidiana, contribuindo para que crianças e adolescentes aprendam formas de ser e de estar no mundo (MOLINA; SILVA;

SILVEIRA, 2004; LETTNIN, 2005). Desenvolvido sob a motivação para o desenvolvimento da maestria em habilidades diversas, o ambiente esportivo é passível de auxílio à superação de frustrações, timidez e dificuldades no rendimento escolar (VALENTINI, 2002).

Somente os estudantes-atletas teceram considerações positivas sobre a prática esportiva relacionada à saúde física e mental e à estética corporal. Além da melhora de habilidades motoras e capacidades físicas, o treinamento esportivo pode proporcionar a redução dos transtornos de humor, a melhora do equilíbrio psicológico e a redução do estresse (MELLO; TUFIK, 2004; FLORINDO; RIBEIRO, 2009). Quanto à preocupação com os padrões estéticos estabelecidos culturalmente, a adolescência é reconhecidamente uma fase crítica nessa busca e, conseqüentemente, oferece riscos potenciais à saúde (CONTI, FRUTUOSO; GAMBARDELLA, 2005; MARTINS; NUNES; NORONHA, 2008), problemática que se entrelaça aos demais fatores supracitados pelos participantes da pesquisa.

Embora quanto às características negativas os dois grupos divirjam na atribuição de culpa — professores enfatizam a prioridade ao esporte e a falta de organização dos estudantes-atletas, enquanto estes culpam a simples falta de tempo —, a perda do controle na organização das atividades cotidianas se destaca como fator negativo, além da prioridade ao esporte em relação aos estudos (ênfaticada por professores), do cansaço físico e das dores e desconfortos causados pela rotina atlética (ênfaticada por estudantes-atletas) e da perda de conteúdos e avaliações (ênfaticada por membros dos dois grupos).

Quanto à prioridade ao esporte, Bompa (2002) alerta que, ao iniciarem suas participações em competições escolares, os jovens sonham em galgar o caminho do alto rendimento, visto serem os esportes coletivos dinâmicos, excitantes, espetaculares e complexos, cativando a maioria dos adolescentes que sonham em se tornar grandes atletas.

Já quanto às dores e o cansaço físico, o estudo de Zenha, Resende & Gomes (2009) conclui que aspectos do esporte de alta competição podem afetar negativamente o rendimento escolar de atletas, dependendo da intensidade da rotina de treinos, viagens e competições, em função da acumulação do cansaço.

A perda de conteúdos e provas por conta da atividade esportiva foi tratada no estudo de Valle (2003), que reitera a importância do problema, mas aponta acomodação em relação ao saneamento dessas dificuldades por parte dos alunos, em consonância com professores que citam essa tendência neste estudo.

Enfim, a rotina dos estudantes-atletas vem sendo alvo de investigações que, invariavelmente, trazem à tona aspectos positivos e negativos da relação entre prática esportiva competitiva e o desempenho escolar. Estudos como os de Crossnoe (2001), Valle (2003), Zenha, Resende e Gomes (2009) e Pereira (2011) analisaram a temática sob a ótica de estudantes-atletas em realidades diversas, reiterando a necessidade de organização e disciplina na condução da rotina de treinos, jogos e estudos.

Aqui, foi percebida uma maior criticidade nos posicionamentos dos professores em relação ao dos estudantes-atletas. Nesse sentido, há certa similaridade com o estudo de Fejgin & Hanegby (2001), que coletou impressões de diretores de escolas, professores de Educação Física e de outras áreas sobre os clubes esportivos, base do esporte escolar israelense, abordando aspectos intervenientes no desempenho escolar e fatores comportamentais, no qual houve predominância de fatores positivos na avaliação de professores de Educação Física e de fatores negativos por parte dos professores de outras áreas e diretores. Apesar do ambiente e amostras diferentes, é possível

perceber uma convergência: o olhar ‘externo’ — no caso deste estudo, caracterizado pelo distanciamento com as atividades esportivas da escola — gerou maior número de apontamentos negativos.

Considerações Finais

A proposição do estudo não buscou conclusão absoluta sobre a influência da prática do esporte competitivo no desempenho — entendido como dependente do desempenho — escolar, mas a apresentação de elementos passíveis de fornecer aporte à condução do esporte competitivo na escola, institucional e individualmente.

Os benefícios da prática esportiva por crianças e adolescentes são amplamente propagados e aceitos na sociedade. Os dados coletados e a literatura consultada evidenciam fatores sociais, afetivos, cognitivos e físicos capazes de interferir positiva e/ou negativamente na vida do estudante-atleta, indicando que a atividade precisa ser desenvolvida com base em princípios próprios e constante exercício de organização e disciplina.

Na análise da relação esporte-desempenho escolar, os grupos convergiram no apontamento de benefícios sociais e comportamentais. Apenas os professores apontaram benefícios em aspectos cognitivos, e somente estudantes-atletas mencionaram aspectos ligados à saúde, estética e condicionamento físico. Já nos apontamentos de itens negativos, destacam-se, por parte de professores, a atribuição de culpa aos estudantes-atletas pela falta de dedicação aos estudos, enquanto estes apresentaram a tendência de culpar a falta de tempo e o excesso de atividades.

Quanto aos estudantes-atletas e suas condições de estudo e prática esportiva, confrontando as horas semanais de treinos e estudo extraclasse, não parece haver interferência de uma atividade sobre a outra e não foi verificado prejuízo ao aproveitamento escolar dos estudantes pela prática do esporte competitivo.

O presente estudo de caso, embora caracterizado pela limitação de sua natureza, traz a participação de professores de disciplinas além da Educação Física, não verificada em outros estudos consultados, como contribuição ao ‘debate’ sobre influências — benefícios e/ou prejuízos — da prática do esporte competitivo no desempenho escolar. Os resultados da pesquisa mostram que, na maior parte das observações, os professores se posicionaram “do outro lado”, com pouco conhecimento sobre o contexto esportivo em que seus alunos estão imersos, sendo, portanto, fundamental a integração dos professores ao processo como um todo.

Dessa forma, mesmo não evidenciada a interferência da prática esportiva competitiva no desempenho escolar no campo investigado, a experiência de ouvir partes distintas sobre a problemática tratada fornece indicações de que a participação de professores, técnicos, gestores e comunidade escolar no desenvolvimento do esporte de competição são fatores que podem influenciar decisivamente na formação integral dos estudantes-atletas, que necessitam ser orientados adequadamente em suas rotinas e apoiados diante de suas dificuldades específicas.

AN ANALYSIS OF THE RELATION BETWEEN SPORTS AND SCHOOL PERFORMANCE: A CASE STUDY

Abstract

The study aimed to examine the relation between competitive sports practice and school performance in a school of Maringá-PR. The data was collected through questionnaires, which were applied to fifty-nine students/athletes and twelve teachers, as well as by consulting school files. We have found a similarity amongst athletes' and other students' school performance, insufficient interaction of teachers with school sports activities, independence between training and study time, as well as distinct opinions about intervening factors among groups. Then conclusion is that, although the interference of sports practice in school performance within the investigation field was not evident, the athlete students must be appropriately guided in their routines and supported in their difficulties.

Keywords: Sports. School. Athletes. Teachers.

ANÁLISIS DE LA RELACIÓN ENTRE DEPORTE Y DESEMPEÑO ESCOLAR: UN ESTUDIO DE CASO

Resumen

El estudio tuvo por objetivo analizar la relación entre práctica deportiva competitiva y desempeño escolar en una escuela de Maringá-PR. Los datos fueron colectados por medio de cuestionarios aplicados a 59 estudiantes-atletas y 12 profesores y por consulta a documentos escolares. Se verificó similitud entre el desempeño escolar de atletas y demás alumnos, interacción insuficiente de profesores sobre las actividades deportivas de la escuela, independencia entre tiempo de entrenamiento y estudio y opiniones distintas entre los grupos sobre factores intervinientes. Se concluyó que, aunque no evidenciada la interferencia de la práctica deportiva en el desempeño escolar en el campo investigado, los estudiantes-atletas precisan ser orientados adecuadamente en sus rutinas y apoyados en sus dificultades.

Palabras-clave: Deporte. Escuela. Atletas. Profesores.

Referências

ALVES, J. A. B.; PIERANTI, O. P. O Estado e a Formulação de uma Política Nacional de Esporte no Brasil. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 6, n. 1, Art. 1, jan./jun., 2007.

BAILEY, R.; ARMOUR, K.; KIRK, D.; JESS, M.; PICKUP, I.; SANDFORD, R. The Educational Benefits Claimed for Physical Education and School Sport. **Research Papers in Education**, n. 24, v. 1, p. 1–26.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, Educação Física e Esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 101–114, 2006.

BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a Presença do Esporte na Escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89–112, maio/ago., 2003.

BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que Levam Crianças à Prática de Atividades Motoras na Escola. **Revista da Educação Física**, UEM, Maringá, v. 13, n. 1, p. 99–107, 2002.

BÖHME, M. T. S. O Treinamento a Longo Prazo e o Processo de Detecção, Seleção e Promoção de Talentos Esportivos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 21, v. 2/3, jan./maio, 2000.

BOMPA, T. O. **Treinamento Total para Jovens Campeões**. Barueri: Manole, 2002.

CONTI, M. A.; FRUTUOSO, M. F. P.; GAMBARDELLA, A. M. D. Excesso de Peso e Insatisfação Corporal em Adolescentes. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 4, jul./ago., 2005.

CROSNOE, R. The Social World of Male and Female Athletes in High School. In: KINNEY, D. A. (Ed.) . **Sociological Studies of Children and Youth**, v. 8. Bradford: Emerald Group Publishing Limited, 2001.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Olimpíadas Escolares**. Disponível em: <<http://www.olimpiadasescolares.com.br/organizacao/downloads.asp>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

COSTA, L. C. A; NASCIMENTO, J. V. O Ensino da Técnica e da Tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física**, UEM, Maringá, v. 15, n. 2, p. 49–56, 2004.

DAMIANI, M. F. Discurso Pedagógico e Fracasso Escolar. In: **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, n. 14, p. 457–478, 2006.

FEJGIN, N.; HANEGBY, R. Social Functions of the School Sport Club in Israel in the Eyes of Physical Educators and other Teachers. **Physical Education & Sport Pedagogy**, v. 6, n. 1, p. 55–74, 2001.

FLORINDO, A. A.; RIBEIRO, E. H. C. Atividade Física em Crianças e Adolescentes. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org). **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORMIGA, N. S. O Tipo de Orientação Cultural e sua Influência sobre os Indicadores do Rendimento Escolar. **Revista Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 13–29, 2004.

GATTI, B. A. Os Professores e suas Identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 85–90, 1996.

HOFFMANN, J. **Avaliar para Promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LETTNIN, C. C. **Esporte Escolar: razão e significados**. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LOPES, C. K.; OLIVEIRA, C. I. O Fracasso Escolar na Ótica de Professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. In: **Semana Acadêmica FDV: meio ambiente, gestão, educação e inovações tecnológicas**. Viçosa: Faculdade de Viçosa, 2007.

LUCKESI, C. C. Avaliação da Aprendizagem na Escola e a Questão das Representações Sociais. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79–88, 2002.

MARCHESI, A.; GIL, C. H. **Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINELLI, S. C.; BARTHOLOMEU, D. Escala de Motivação Acadêmica: uma medida de observação intrínseca e extrínseca. **Avaliação Psicológica**, v. 6, n.1, p. 21–31, 2007.

MARTINS, D. F; NUNES, M. F. O; NORONHA, A. P. P. Satisfação com imagem corporal e autoconceito em adolescentes. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 2, p. 94–105, 2008.

MELLO, M. T.; TUFIK, S. *Atividade Física, Exercício Físico e Aspectos Psicobiológicos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

MILISTETD, M.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V.; SOUZA SOBRINHO, A. E. P. Concepções dos Treinadores acerca do Papel da Competição na Formação Desportiva de Jovens Jogadores de Voleibol. **Revista da Educação Física**, UEM, Maringá, v. 19, n. 2, p. 151–158, 2008.

MOLINA, R. M. K.; SILVA, L. O.; SILVEIRA, F. V. Celebração e Transgressão: a representação do esporte na adolescência. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 125–36, 2004.

MOREIRA, W. W.; CARBINATTO, M. V. Bases Epistemológicas, a Educação Física e o Esporte: possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, p. 129–130, 2006.

PEREIRA, H. M. V. **Relação entre a prática desportiva extracurricular e o (in)sucesso escolar nos alunos do ensino secundário: estudo de caso sobre a realidade na Escola Secundária de Vila**

Cova da Lixa. 2011. 73 f. (Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário) — Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2011.

RIBEIRO, I. S.; ALMEIDA, L. S.; GOMES, C. Conhecimentos Prévios, Sucesso Escolar e Trajetórias de Aprendizagem: do 1º para o 2º ciclo do ensino básico. **Revista Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 5, n. 2, p. 127–133, 2006.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A Sistematização dos Conteúdos da Educação Física na Escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 167–178, set./dez. 2005.

SANTOS, A. L. P.; SIMÕES, A. C. A Influência da Participação de Alunos em Práticas Esportivas Escolares na Percepção do Clima Ambiental da Escola. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, p. 26–35, 2007.

SERPA, S. Treinar Jovens: complexidade, exigência e responsabilidade. **Revista da Educação Física**, UEM, Maringá, v. 14, n. 1, p. 75–82, 2003.

SIMÕES, A. C.; BOHME, M. T. S.; LUCATO, S. A. Participação dos Pais na Vida Esportiva dos Filhos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 34–35, 1999.

SOARES, J. P.; ARANHA, A. M.; ANTUNES, H. R. Relação entre os Setores de Prática Desportiva, as Modalidades Desportivas e o Aproveitamento Escolar. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 9, n. 3, p. 3–11, 2013.

TORRI, D.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. Sacrifícios, Sonhos, Indústria Cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499–512, set./dez. 2007.

TUBINO, M. J. G. **Estudos Brasileiros Sobre o Esporte: ênfase no esporte educacional**. Maringá: Eduem, 2010.

VALENTINI, N. C. A Influência de uma Intervenção Motora no Desempenho Motor e na Percepção de Competência de Crianças com Atrasos Motores. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 61–75, 2002.

VALLE, M. P. **Atletas de Alto Rendimento: identidades em construção**. 2003. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) — Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VEIGA, I. P. A. Inovações e Projeto Político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267–281, 2003.

VIACELLI, S. Desporto e Rendimento Escolar. **EF Deportes — Revista Digital**, Buenos Aires, ano 8, n. 55, 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd55/despor.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2013.

ZENHA, V.; RESENDE, R.; GOMES, A. Desporto de Alto Rendimento e Sucesso Escolar: análise e estudo de fatores influentes no seu êxito. In: FERNÁNDEZ, J.; TORRES, G.; MONTERO, A. (Eds.). **II Congresso Internacional de Deportes de Equipo**. Corunha: Editorial y Centro de Formación Alto Rendimiento.

Recebido em: 17/01/2014

Revisado em: 22/09/2014

Aprovado em: 27/04/2015

Endereço para Correspondência:

Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

amauribassoli@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Educação Física

Av. Colombo, 5 790 — Campus Universitário — Departamento de Educação Física — Zona Sete 87 020-900 — Maringá-PR — Brasil